

Mapeando o Fundo dos Oceanos: O Legado de Marie Tharp



Foto de Marie Tharp em Julho de 2001

*30 de Julho, 2020
Coordenação PGGM*

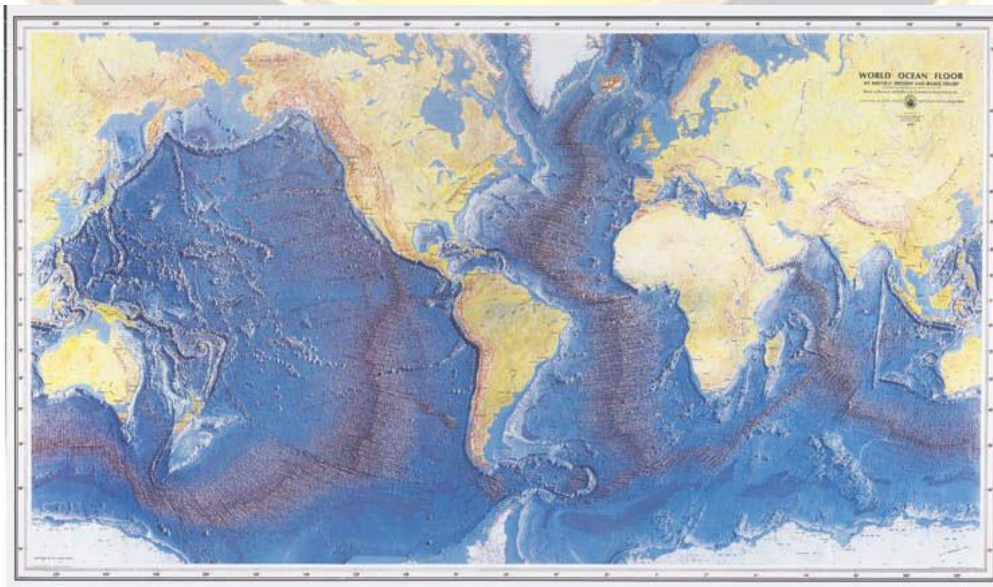
Os oceanos sempre foram alvos de sonhos e aventuras, histórias e lendas, fonte de alimento e recursos, navegações que desbravaram o mundo e iniciaram comércios que levaram a uma globalização e, porque não, ao início do antropoceno, mas também foram rotas de escravos e campos de batalha. De uma forma ou de outra, os oceanos sempre foram e continuam sendo fascinantes e fazem parte da história da humanidade, sendo talvez um dos principais patrimônios dessa humanidade moderna, nem tão ciente disso. Diferente do céu, o oceano tem limite e esse limite forma uma superfície, um relevo ou uma paisagem que conhecemos, literalmente, como o fundo do mar ou, um pouco mais tecnicamente, como o fundo marinho ou o fundo (assoalho) dos oceanos.

Hoje, dia 30 de julho celebramos o 100º aniversário de uma das mulheres cientistas, que igual a tantas outras, foi por muito tempo esquecida ou não tão valorizada – Marie Tharp. O mundo da geociências marinha escolheu essa semana para reverenciar uma pessoa que talvez tenha, através do seu conhecimento geológico e de sua capacidade de interpretação, e até mesmo artística, de revelar, junto com Bruce

PROGRAMA DE GEOLOGIA E GEOFÍSICA MARINHA – PGGM

Heezen, a morfologia do fundo dos oceanos, impactando a geociências e influenciando ou dando mais um pedaço do quebra-cabeças que levou à confirmação da deriva dos continentes e à construção da teoria da tectônica de placas. O trabalho de Marie Tharp sempre ficou à sombra de cientistas homens em um período da história em que isso era tomado como natural. Ao longo dos anos, a luta destemida, a perseverança e tenacidade de muitas mulheres vêm deixando claro os erros históricos e dando o reconhecimento e devido valor à quem de direito.

Marie Tharp foi responsável por produzir e interpretar a versão mais próxima do que conhecemos hoje como o fundo dos oceanos. A partir de perfis batimétricos, ela foi capaz de interpretar a morfologia do fundo marinho em uma perspectiva quase tridimensional, o que de certa forma representaria uma interpolação artística do relevo submarino, ao invés do que fazemos hoje, que é mais uma interpolação matemática. Porém, o que é fascinante no trabalho de Marie Tharp é a capacidade de interpretação do relevo dos oceanos, principalmente o Atlântico e o Índico, com tão poucos perfis (<https://blogs.ei.columbia.edu/wp-content/uploads/2020/07/Marie-Tharp-Map-Zoom-Background.jpg>). Seu conhecimento geológico apontou para o reconhecimento dos rifts nas cordilheiras meso-oceânicas, o que viria ser um ponto importante na comprovação da deriva dos continentes, algo que na década de 1950 ainda era muito controverso.



Mapa The Floor of the Ocean, 1977. Produzido a partir dos mapas de Marie Tharp e Bruce Heezen.



A semelhança dos mapas de Marie Tharp com o que conhecemos atualmente é notável, como mostra a pesquisadora do Lamont-Doherty Earth Observatory, Vicki Ferrini, no storymaps. (<https://storymaps.arcgis.com/stories/232257acdac6409a907abd77b3d83f89>).

Hoje a história de Marie Tharp é contada em livro (Soundings: The Story of the Remarkable Woman Who Mapped the Ocean Floor by Hali Felt) e o Lamont reconhece e celebra a importância de uma de suas grandes pesquisadoras de todos os tempos, criando um espaço único que conta a notável carreira de Marie Tharp e de seus mapas e interpretações (<https://marietharp.ldeo.columbia.edu/>). O trabalho de Marie Tharp está eternizado no famoso mapa The Floor of the Oceans publicado em 1977 na National Geographic, e pintado ou estilizado por Tanguy de Remur (https://blogs.ei.columbia.edu/wp-content/uploads/2020/07/Marie-Tharp-Map_Zoom-Background3.jpg).

Em 1997, a Biblioteca do Congresso Americano reconheceu Marie Tharp como uma das quatro maiores cartógrafas do século 20. Em 2001 o Lamont Doherty reconheceu e homenageou Marie Tharp pela sua importância na ciência. Marie Tharp faleceu em 2006, aos 86 anos. Seu legado, além de enorme e inspirador, é uma certeza de que não há espaço para preconceitos de qualquer natureza, mas há espaço para cada vez mais buscarmos o conhecimento sobre o fundo dos oceanos.

O Programa de Geologia e Geofísica Marinha-PGGM segue esse legado, atuando ao longo dos últimos quase 51 anos no mapeamento da margem continental brasileira a partir de grandes projetos estratégicos como REMAC, GEOCOSTA, REMPLAC, PROAREA, LEPLAC, GEOImageamento, entre outros, sempre em parceria com a Diretoria de Hidrografia e Navegação- DHN e instituições e agências governamentais brasileiras e universidades e parceiros internacionais. Podemos dizer que a superfície batimétrica da margem continental brasileira produzida pela DHN como produto do LEPLAC (<https://www.marinha.mil.br/dhn/?q=node/249>) é também um importante legado do trabalho de vários e várias geocientistas e hidrógrafos e hidrógrafas ao longo dos anos.

